

PAINEL DE CONJUNTURA

# ECONÔMICA 18

56<sup>a</sup> edição

PAINEL DE CONJUNTURA

# ECONÔMICA

MARÇO

1ª Quinzena

# 18

**GOVERNANÇA E SUSTENTABILIDADE**  
*A Lei das Estatais é muito bem-vinda.*

# 04

**BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA**  
*Superávit acumulado US\$ 7,6 bilhões - 5,6% superior ao mesmo período em 2017.*

# 14

**PIB E CONFIANÇA**  
*13% = 0,7%; Agro é pop, agro é tudo!*

# 05

**BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA**  
*Paraná terminou janeiro de 2018 com saldo positivo na geração de empregos formais.*

# 18

**AGRONEGÓCIO**  
*Mais evidências da importância do agro na economia.*

# 10

**TECNOLOGIA**  
*Transformação Digital na Indústria Química.*

# 19

**PREÇOS E JUROS**  
*Expectativas de inflação seguem em declínio e favorecem novas medidas de estímulo econômico.*

# 12

<b>Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>
PIB (% do crescimento)	2,87	3,00
Produção Industrial (% do crescimento)	3,97	3,50
Inflação - IPCA (%)	3,67	4,20
SELIC	6,50	8,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	55,00	57,60
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,30	3,39
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	55,00	45,00
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	80,00	80,00

Fonte: Boletim Focus-Bacen



## AGENDA DA SEMANA

### 12/03

Relatório Focus (Bacen)  
Balança Comercial (Mdic)  
IPC(Fipe) - 1ª quadrissemana Março-2018 - (FIPE)

### 13/03

Pesquisa Mensal do Comércio - Janeiro-2018 - (IBGE)

### 14/03

PIB Mensal/Serasa Experian - Janeiro-2018 - (IBGE)  
Fluxo Cambial - Semanal (Bacen)

### 15/03

IGP(10) - Março-2018 - (FGV)

### 16/03

IPC(S) - Semanal - (FGV)

# Governança e Sustentabilidade

## A Lei das Estatais é muito bem-vinda!

Rodrigo Casagrande\*



Fonte da ilustração: PeopleINT Wordpress

**N**a obra "O Leviatã", Thomas Hobbes descreve um Estado que deteria todo o poder da sociedade, uma vez que a ele seria transferida a autoridade representativa de todos os indivíduos com a contrapartida da garantia da paz e da defesa comum. Os políticos brasileiros têm nos oferecido mostras fartas de que essa perspectiva é altamente perigosa por conta da corrupção endêmica, conforme explicitado pela Lava Jato.

A Lei das Estatais, 13.303, de 30 de junho de 2016, aporta uma série de mecanismos de governança a serem observados pelas estatais, como regras para divulgação de informações, de constituição e de funcionamento dos conselhos, assim como requisitos mínimos de nomeação de dirigentes.

Na importante e crucial matéria de escolha da alta gestão da empresa a Lei impõe criação de um comitê estatutário para checar conformidades do processo de indicação e avaliação. A Lei 13303 veda a indicação para o Conselho de Administração e para a Diretoria de:

- representante do órgão regulador ao qual a estatal está sujeita, de Ministro de Estado, de Secretário de Estado, de Secretário Municipal, de titular de cargo, sem vínculo permanente com o serviço público, de natureza especial ou de DAS na Administração, ainda que licenciados do cargo;
- dirigente estatutário de partido político e de titular de mandato no Poder Legislativo de qualquer ente da federação, ainda que licenciados do cargo;
- pessoa que atuou, nos últimos 36 meses, como participante de estrutura decisória de partido político ou em trabalho vinculado a organização, estruturação e realização de campanha eleitoral;



- pessoa que exerça cargo em organização sindical;
- pessoa que tenha firmado contrato ou parceria, como fornecedor ou comprador, demandante ou ofertante, de bens ou serviços de qualquer natureza, com a pessoa político-administrativa controladora da estatal ou com a própria empresa ou sociedade em período inferior a 3 anos antes da data de nomeação.

Recentemente, foi possível constatar efeitos da Lei das Estatais no balizamento de comportamentos organizacionais que vieram à tona na CEF - Caixa Econômica Federal e na Copel – Companhia Paranaense de Energia. A CEF tem um novo estatuto que altera toda a governança da instituição. Merece destaque nas novas regras da Caixa a definição de que o Presidente da República não pode mais nomear os vice-presidentes do banco, os quais passarão a ser selecionados por empresa caça-talentos.

Na Copel verificou-se que, com base na Lei das Estatais, a CVM – Comissão de Valores Mobiliários vetou recentes indicações do Estado do Paraná para a composição do Comitê de Indicação e Avaliação. Dentre os designados para ocupar cargos na companhia de energia paranaense, havia dois titulares de secretarias estaduais, um deputado federal, um controlador geral do Estado, além do Presidente do Instituto Teotônio Vilela, fundação vinculada ao PSDB.

A primeira vez que a CVM se amparou na Lei das Estatais para evitar nomeação foi no caso da tentativa de Dilma Rousseff de designar o seu assessor direto Giles Azevedo para uma cadeira no conselho da Light.

Há alguma dúvida de que essa Lei 13.303 é muito bem-vinda?

*\*Rodrigo Casagrande é professor do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE e também do MBA da Fundação Getúlio Vargas.*

## PIB e Confiança

**13% = 0,7%; Agro é pop, Agro é tudo!**

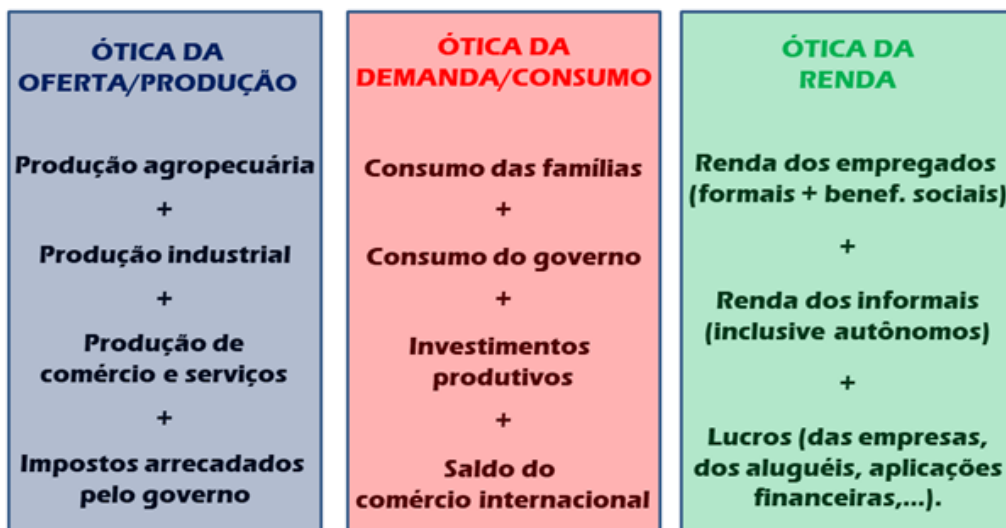
*Christian Frederico da Cunha Bundt\**

**N**o primeiro dia de março de 2018, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os dados oficiais sobre o PIB brasileiro em 2017. O número já era esperado: 1% de crescimento.

Mas antes de continuar a análise dos dados de 2017, didaticamente proponho começar 'do começo': o que é PIB? Conceitualmente, a soma de todos os bens e serviços produzidos num determinado período de tempo em um dado local. Ele pode ser descrito e calculado a partir da oferta (produção), da demanda (consumo) e da renda, mas antes de tudo se fala em quantidades e preços. Esse conceito é basililar e é importante ser bem guardado. A figura a seguir ajuda a entender melhor.



## MEIOS DE CALCULAR O PIB

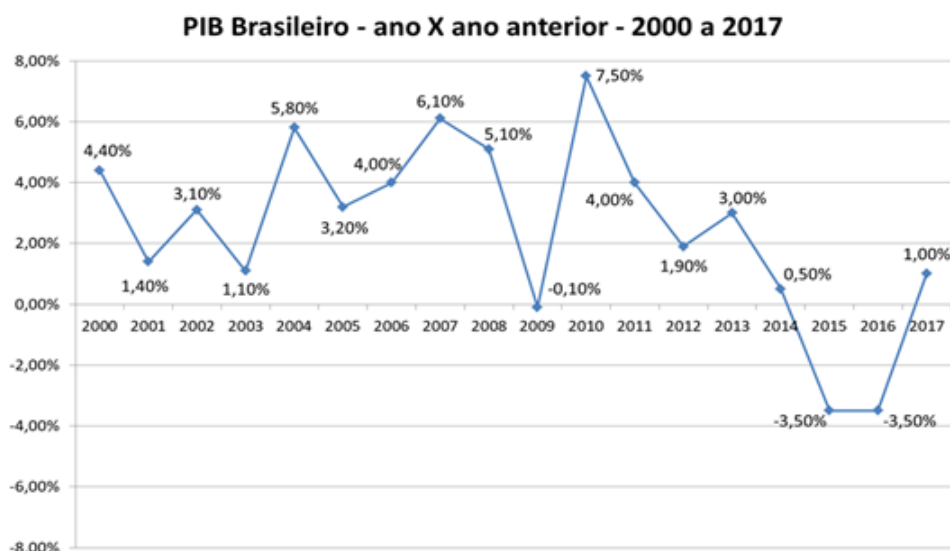


Fonte: John M. KEYNES (A teoria geral do emprego, do juro e da moeda); R. Glenn HUBBARD e Anthony P. O'BRIEN (Introdução à economia); ilustração ISAE.

Se o PIB é visto a partir da produção (em quantidades), para se chegar a um valor total é necessário que sejam multiplicadas essas quantidades por seus respectivos preços. E, ano a ano, existe inflação. Então, é preciso fixar um ano base, onde está ancorada a análise e a partir dele aplicado o deflator. No caso brasileiro, este ano é 1995, definido pelo IBGE. Dessa forma temos o PIB sempre atualizado, deixando a comparação acertada.

Em uma análise menos profunda na busca das principais explicações para o fenômeno PIB, é possível elencar fatores como o aumento da renda (ou do crédito), o aumento da oferta/consumo, o estímulo a alguns setores industriais (via crédito ou desoneração fiscal) e o crescimento do comércio internacional. Até mesmo alguns ocupantes de cargos públicos buscam para si a origem desses feitos, mas a análise é bem mais complexa do que parece ser. Para alguns economistas, como Murray N. Rothbard, a fórmula do PIB contém em si elementos paradoxais, como os impostos arrecadados e os gastos do governo, já que estes são feitos à custa do consumo privado ou da produção. Por outro lado, se o governo 'atrapalha', o comércio exterior pode ser a antítese, pois traz dinheiro externo no caso das exportações maiores que importações. Apesar dos conceitos, o PIB é o indicador utilizado mundialmente nas economias neoliberais para medir o seu desempenho. No Brasil não é diferente.

Na análise anual do PIB local pode-se perceber que o comportamento do indicador, no período dos últimos 18 anos, esteve quase sempre no campo positivo.

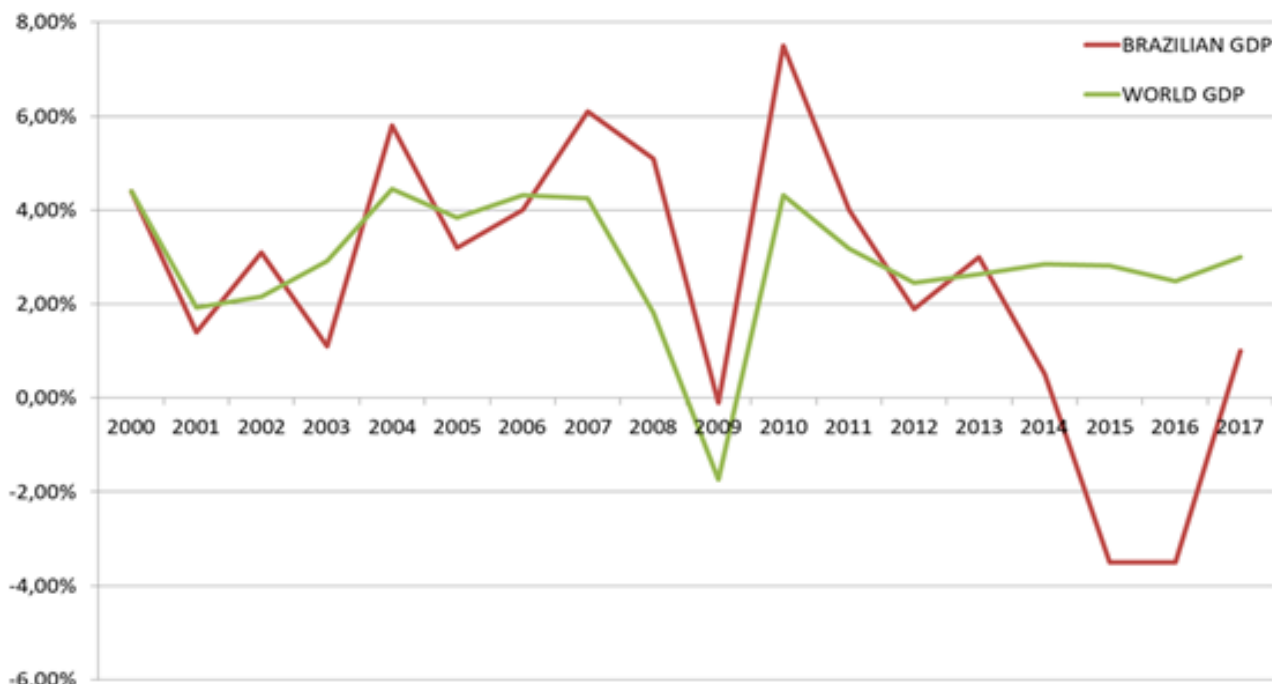


Fonte: IBGE, ilustração ISAE.



Dos 17 anos, apenas três ficaram no campo negativo. Então onde está a crise? Obviamente, para se falar em crise, outros elementos precisam ser revisados. Para começar, pode-se comparar o Brasil com o mundo.

### PIB do Brasil X PIB do mundo - 2000 a 2017

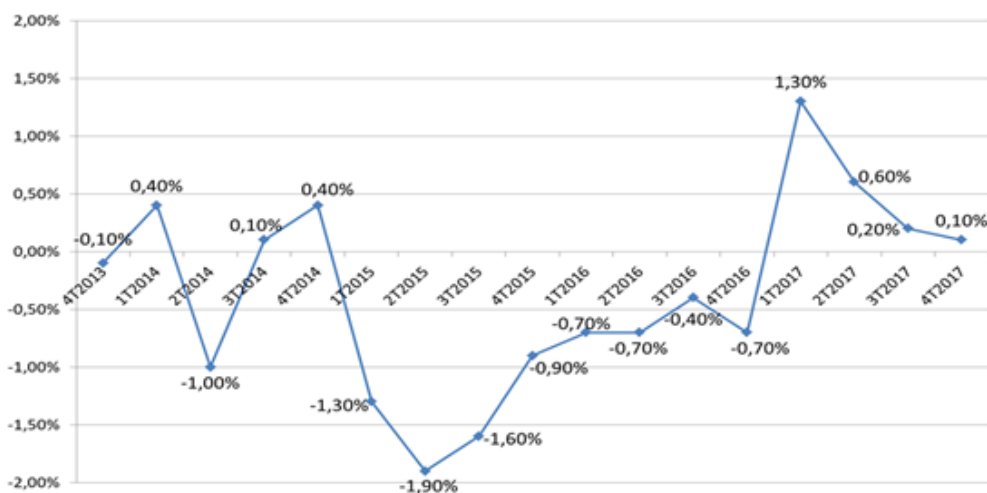


Fonte: IBGE, World Bank; ilustração ISAE.

Na comparação com o PIB mundial, aparentemente o Brasil não está ruim nem bom, ou seja, não conseguiu se aproveitar da bonança internacional nem foi prejudicado pela economia externa, quando ela estava 'ruim'. Dos 18 anos do intervalo, em nove anos o Brasil esteve abaixo da média mundial, oito esteve acima e um esteve praticamente igual. Para um país em desenvolvimento, não é o cenário ideal. Chama a atenção a discrepância de 2015 e 2016 entre o PIB brasileiro e o mundial. Em 2017, aparentemente o intervalo normal retornou.

Como o período anual é sazonalizado na maioria dos países, é importante observá-lo em períodos menores. Na maioria das vezes, usa-se o trimestre comparado ao anterior, ao mesmo trimestre de anos anteriores e outros cotejos. Observe o gráfico com o comportamento do PIB por trimestre.

### PIB Brasileiro - trimestre X trimestre anterior - 2014 a 2017



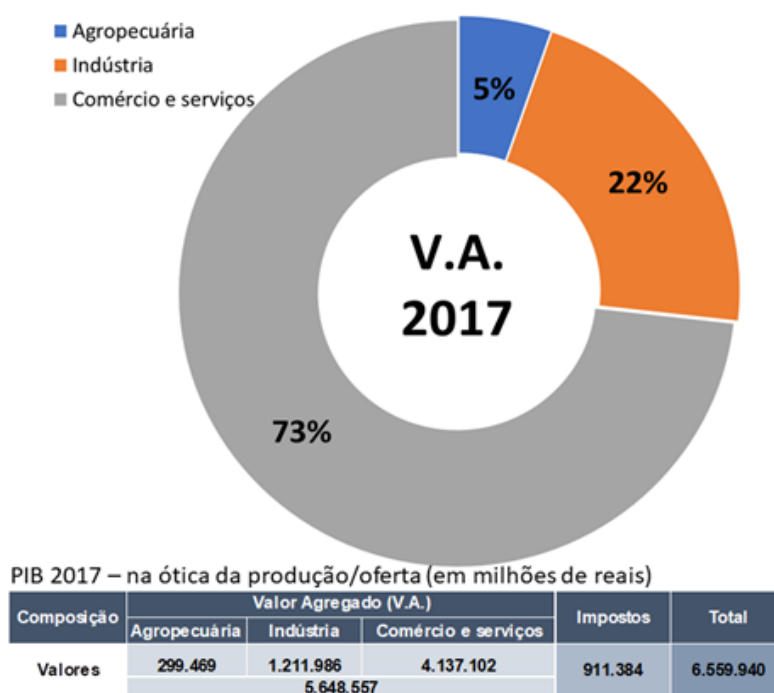
Fonte: IBGE, ilustração ISAE.



No Brasil, especificamente em 2017, a agropecuária foi a variável mais sazonal e que teve grande influência no PIB. Veja no primeiro trimestre de 2017, período da maior parte da safra agrícola, o maior pico de crescimento no ano.

2017 foi o ano da agropecuária. Com 'Carne Fraca' e tudo. Com problemas nos portos, nas estradas e tudo. Com corrupção e tudo. É impressionante a resiliência do estado brasileiro.

Aprofundando na análise do PIB brasileiro de 2017, sob a ótica da produção, pode-se verificar que a agropecuária representa pouco, perto do setor industrial ou de serviço. E como uma mudança numa parte tão pequena pode produzir efeito de tal monta no todo? É isso mesmo... o efeito foi proporcional à representação do setor 'AGRO' no PIB total. E o crescimento foi só de 1%, entre 2016 e 2017. Parece que a comemoração do mercado e do governo foi desproporcional ao tamanho do crescimento. Veja a figura a seguir.



Fonte: IBGE, ilustração ISAE.

De 2016 para 2017, causa espécie que o crescimento de 13% em algo que representa 5% do total leve a um reflexo de 0,7% no todo, conforme afirmou a Coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis. Mas as contas estão corretas. É importante lembrar do que foi comentado no início deste texto: o PIB tem seus valores sempre atualizados para efeitos de comparação. E também é fundamental não esquecer do que foi escrito neste Painel, na segunda semana de junho/17, quando feita a análise do crescimento do PIB Agro no 1ºT-2017: a produção da agroindústria está computada para a Indústria e não para a Agropecuária; e a produção econômica dos serviços ligados ao Agronegócio, como o transporte de grãos, está computada para o setor de Serviços. Portanto, o crescimento da Agropecuária causa reflexos no PIB da Indústria e no PIB dos Serviços. A partir dessa afirmação, conclui-se que o setor que teve crescimento de fato, em 2017, foi o Agronegócio.

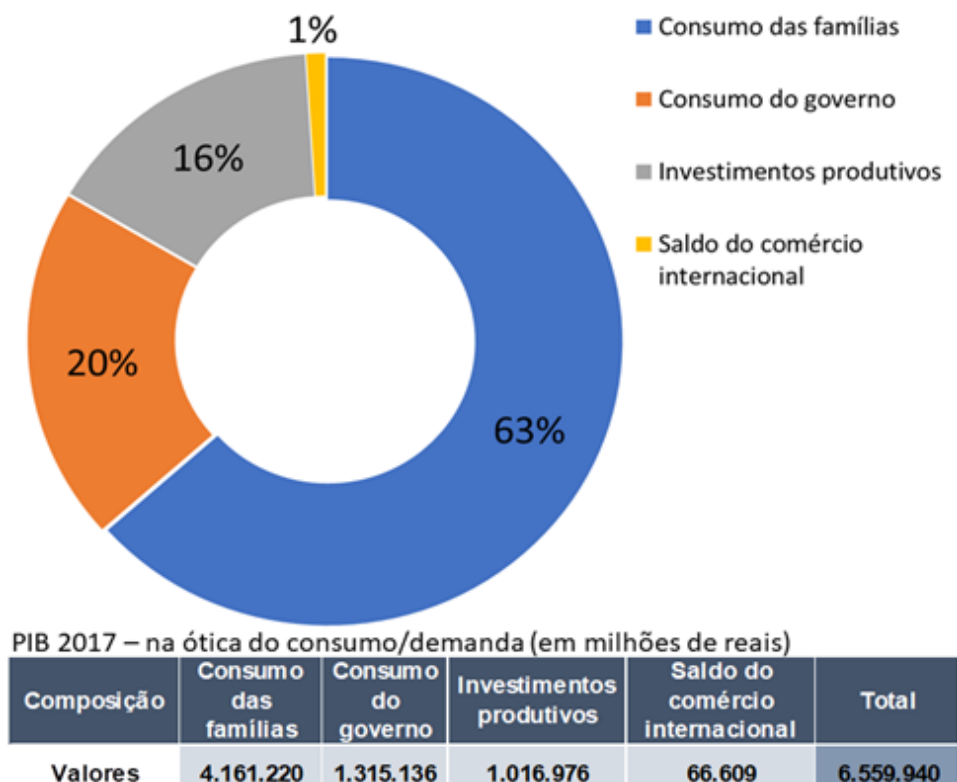
O setor industrial registrou variação nula de 2016 para 2017 e teve como destaque negativo o segmento de construção civil, que caiu 5%. Como destaque positivo está o segmento extrativista, que cresceu 4,3% em 2017.

O setor de serviços cresceu 0,3% de 2016 para 2017, com destaque positivo para o comércio (1,8%) e o segmento de transportes e armazenagem (1,1%), ao passo que decresceram as atividades financeiras, de



seguros e serviços relacionados (-1,3%) e o setor de informação e comunicação (-1,1%).

Observe o PIB brasileiro de 2017 decomposto pelo lado do consumo/demanda.



Fonte: IBGE, ilustração ISAE.

Nesta ótica, o destaque positivo foi para o consumo das famílias, que representa mais da metade do PIB brasileiro, que cresceu 1% em 2017, comparado a 2016.

Já o consumo do governo e os investimentos decresceram 0,6% e 1,8%, respectivamente, de 2016 para 2017. Aqui cabe ressaltar que esses dois indicadores tiveram crescimento no último trimestre de 2017, comparado ao 3ºT-2017.

As exportações de bens e serviços cresceram 5,2%, enquanto as Importações de bens e serviços avançaram 5,0% de 2016 para 2017.

Apesar do cenário não ser animador, ele também não é desanimador. O país está 'estável'. Conseguiu implementar algumas reformas necessárias, mas ainda faltam algumas como a previdenciária e a tributária, que virão somente em 2019 ou depois.

Há uma onda se aproximando e ela pode virar tsunami, dependendo do "vento eleição", previsto para chegar ao país por volta de outubro de 2018. E o primeiro local do vento será o Planalto Central. Ao contrário do frio do vento sulista, o Minuano, o "vento eleição" promete ser quente. Se soprar forte, pode derrubar a casa. Se for brando, pode ser que o país continue na estabilidade.

E é exatamente nesta imprevisibilidade que reside a crise. Ela está bem intrincada no meio do PIB, em seus elementos basilares, como o consumo, a renda e a confiança. Não teremos PIB de qualidade se todos os setores não andarem juntos. Não teremos PIB de qualidade com os políticos que não apreciam temas impopulares em ano de eleição. Não teremos PIB de qualidade enquanto a economia for tratada como um meio para a política.

Apesar dos números estarem melhorando paulatinamente, ainda estão longe de serem bons. Talvez o Brasil deva adotar novos indicadores para medir o crescimento, como o Índice de Felicidade Nacional, do ganhador de Prêmio Nobel Daniel Kahneman. Talvez se saia melhor!

*\*Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial e do Observatório Social de São José dos Pinhais.*

## Agronegócio

### Mais evidências da importância do agro na economia.

*José Fabiano da Silva e João Paulo Schaffer\**

O saldo positivo da balança comercial nos últimos anos mostra claramente a recuperação da economia brasileira. Depois de dois anos de queda no valor total das exportações, o ano de 2017 se mostrou o ano da recuperação. Em 2014 o montante exportado foi acima de 225 bilhões de dólares, caindo para 191 e 185 bilhões de dólares nos anos de 2015 e 2016, consecutivamente, conforme vemos na tabela abaixo. Convém frisar que isso ocorreu em anos que tivemos uma das maiores taxas de câmbio, com o dólar atingindo patamares de R\$4,00.

#### Balança Comercial Brasileira e Balança Comercial do Agronegócio: 1997 a 2017

Ano	Exportações			Importações			Saldo	
	Total Brasil (A)	Agronegócio (B)	Part.%(B/A)	Total Brasil (C)	Agronegócio (D)	Part.%(D/C)	Total Brasil	Agronegócio
1997	52,98	23,37	44,1	59,75	8,20	13,7	-6,76	15,17
1998	51,14	21,56	42,1	57,76	8,04	13,9	-6,62	13,51
1999	48,01	20,50	42,7	49,30	5,70	11,6	-1,29	14,80
2000	55,12	20,60	37,4	55,85	5,76	10,3	-0,73	14,85
2001	58,29	23,87	40,9	55,60	4,81	8,6	2,68	19,06
2002	60,44	24,85	41,1	47,24	4,45	9,4	13,20	20,39
2003	73,20	30,65	41,9	48,33	4,75	9,8	24,88	25,90
2004	96,68	39,04	40,4	62,84	4,84	7,7	33,84	34,20
2005	118,53	43,62	36,8	73,60	5,11	6,9	44,93	38,51
2006	137,81	49,47	35,9	91,35	6,70	7,3	46,46	42,77
2007	160,65	58,43	36,4	120,62	8,73	7,2	40,03	49,70
2008	197,94	71,84	36,3	172,98	11,88	6,9	24,96	59,96
2009	152,99	64,79	42,3	127,72	9,90	7,8	25,27	54,89
2010	201,92	76,44	37,9	181,77	13,40	7,4	20,15	63,04
2011	256,04	94,97	37,1	226,25	17,51	7,7	29,79	77,46
2012	242,58	95,81	39,5	223,18	16,41	7,4	19,39	79,41
2013	242,03	99,97	41,3	239,75	17,06	7,1	2,29	82,91
2014	225,10	96,75	43,0	229,15	16,61	7,3	-4,05	80,13
2015	191,13	88,22	46,2	171,45	13,07	7,6	19,69	75,15
2016	185,24	84,93	45,9	137,55	13,63	9,9	47,68	71,31
2017	217,74	96,01	44,1	150,75	14,15	9,4	66,99	81,86

Fonte: Agrostat Brasil a partir de dados da SECEX/MDIC  
Elaboração: DAC / SRI / MAPA

No ano de 2017 observamos o país exportando um total de 217,74 bilhões de dólares, com o empresário retomando a produção visto a melhora nos níveis de confiança tanto industrial como do consumidor. No que tange ao comportamento do agronegócio, observamos o aumento do percentual da participação brasileira nas exportações, mostrando a força do setor e a importância na integridade das contas nacionais.



Vimos nos anos de 2015 e 2016, quebras nas safras de milho e de soja, dois dos maiores contribuidores para o saldo positivo, como apresentado na tabela 4. Essa quebra de safra reduz a oferta total do produto e, conseqüentemente, seu saldo exportável. Já no ano de 2017 tivemos recorde de produção tanto para a soja quanto para o milho, e marcamos também novos recordes de exportação para os dois produtos, fato esse que também impulsionou a balança comercial, principalmente frente à China. Vale ressaltar que essa maior oferta de insumos agrícolas, faz com que os preços caiam no mercado interno e favoreçam a indústria local, como o setor de carnes, dependente de tais insumos, melhorando seus índices de produtividade e competitividade.

A Tabela 4 demonstra a estratificação das exportações do agronegócio, divididos em dois segmentos, produtos de origem animal e de origem vegetal. Cabe uma análise transversal para observar que dois elos da cadeia do agronegócio que se relacionam diretamente e de forma dependente contemplam praticamente 50% de todas as exportações do agronegócio, são elas a cadeia produtiva de grãos e de carnes. Não menos importantes, os demais setores do agronegócio contribuem significativamente para a balança comercial, porém foi por meio dos grãos e da produção de carne que houve a maior expansão do agronegócio brasileiro nos últimos 10 anos. Milho e soja somados passaram de 110 milhões de toneladas em 2008 para 200 milhões de toneladas em 2018.

O estímulo para essa grande expansão veio pelo aumento de consumo de carne dos países emergentes, principalmente a China e países do sul asiático. Contribuiu também para esse aumento de produção a própria demanda interna brasileira pelo grão para produção de ração animal. Fato notório é que o Brasil se tornou o maior exportador mundial de carnes, superando os Estados Unidos. No quesito produção de grãos, o Brasil ocupa posição destacada com milho e soja, 10% e 30% da produção global respectivamente, ocupando a segunda posição, abaixo dos EUA e a frente da Argentina. Esse grupo produz 80% da soja mundial e 45% do milho.

A extensão dessa cadeia produtiva entre os grãos e a produção de carne possibilitou ao Brasil ter hoje duas das maiores processadoras de proteína animal do mundo, a BRF e JBS, empresas que representam 25% do consumo interno de milho e trabalham, assim como outras empresas do setor, com um modelo de integração com produtores de suíno e frango, fornecendo toda a matéria prima para criação e posterior recebimento para abate.

Tabela 4 - Balança Comercial do Agronegócio

Exportações, importações e saldos: Janeiro - Dezembro/2016 e Janeiro - Dezembro/2017 (em US\$ mil)

Setores	2016			2017			Var. %	
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp
<b>PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL</b>	<b>18.127.860</b>	<b>2.590.996</b>	<b>15.536.864</b>	<b>19.374.055</b>	<b>2.842.055</b>	<b>16.532.000</b>	<b>6,9</b>	<b>9,7</b>
CARNES	14.210.708	393.282	13.817.426	15.473.802	450.530	15.023.272	8,9	14,6
COURO, PRODUTOS DE COURO E PELETERIA	2.502.601	121.523	2.381.078	2.358.060	163.142	2.194.917	-5,8	34,2
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL	630.108	248.034	382.074	698.005	280.244	417.761	10,8	13,0
ANIMAIS VIVOS (EXCETO PESCADOS)	283.753	12.903	270.850	357.806	9.049	348.757	26,1	-29,9
PESCADOS	236.217	1.156.694	-920.478	246.006	1.377.028	-1.131.022	4,1	19,0
PRODUTOS APÍCOLAS	96.575	186	96.388	127.794	150	127.644	32,3	-19,6
LÁCTEOS	167.899	658.374	-490.475	112.583	561.912	-449.329	-32,9	-14,7
<b>PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL</b>	<b>66.806.727</b>	<b>11.036.526</b>	<b>55.770.201</b>	<b>76.640.186</b>	<b>11.310.944</b>	<b>65.329.241</b>	<b>14,7</b>	<b>2,5</b>
COMPLEXO SOJA	25.418.638	163.795	25.254.843	31.716.749	126.438	31.590.311	24,8	-22,8
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	11.343.730	435.831	10.907.899	12.233.069	945.073	11.287.996	7,8	116,8
PRODUTOS FLORESTAIS	10.239.934	1.484.850	8.755.084	11.526.783	1.550.106	9.976.677	12,6	5,8
CAFÉ	5.471.880	60.988	5.410.892	5.273.304	82.185	5.191.119	-3,6	34,8
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	4.251.744	3.133.238	1.118.506	5.205.600	2.592.527	2.613.073	22,4	-17,3
SUCOS	2.105.151	26.868	2.078.283	2.143.754	22.606	2.121.148	1,8	-15,9
FUMO E SEUS PRODUTOS	2.123.366	72.498	2.050.867	2.092.161	60.904	2.031.257	-1,5	-16,0
FIBRAS E PRODUTOS TÊXTEIS	1.685.019	705.280	979.739	1.785.744	834.081	951.663	6,0	18,3
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL	1.093.999	558.610	535.389	1.240.119	623.398	616.722	13,4	11,6
FRUTAS (INCLUI NOZES E CASTANHAS)	852.038	736.209	115.829	946.793	723.908	222.884	11,1	-1,7
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DIVERSOS	539.881	334.983	204.898	639.699	361.160	278.540	18,5	7,8
CHÁ, MATE E ESPECIARIAS	372.474	49.513	322.961	396.804	59.065	337.739	6,5	19,3
CACAU E SEUS PRODUTOS	390.018	349.002	41.017	384.295	347.674	16.620	-6,6	-0,4
BEBIDAS	324.440	486.178	-161.738	354.779	617.985	-263.206	9,4	27,1
PRODUTOS OLEAGINOSOS (EXCLUI SOJA)	250.917	823.141	-572.224	283.137	958.747	-675.610	12,8	16,5
RAÇÕES PARA ANIMAIS	225.075	249.300	-24.225	266.988	270.835	-3.846	18,6	8,6
PRODUTOS HORTÍCOLAS, LEGUMINOSAS, RAÍZES E TUBÉRCULOS	105.267	1.354.562	-1.249.295	157.702	1.093.738	-936.036	49,8	-19,3
PLANTAS VIVAS E PRODUTOS DE FLORICULTURA	13.156	31.679	-18.522	12.706	40.516	-27.810	-3,4	27,9
<b>TOTAL</b>	<b>84.934.587</b>	<b>13.627.523</b>	<b>71.307.064</b>	<b>96.014.240</b>	<b>14.153.000</b>	<b>81.861.241</b>	<b>13,0</b>	<b>3,9</b>

Fonte: AgroStat Brasil a partir dos dados da SECEX/MDIC

Elaboração: MAPA/SRV/DAC



Assim como os Estados Unidos, o Brasil tem o ciclo virtuoso do agronegócio com autossuficiência na produção da matéria prima para produção de carnes, ocupando orgulhosamente a posição de segundo maior exportador de grãos e maior exportador global de carne.

\***José Fabiano da Silva** é aluno egresso da FGV, onde cursou MBA em Negociação e Pós MBA em Inteligência Empresarial, e atua como coordenador de mercado físico na Aginvest Commodities.

**João Paulo Schaffer** é aluno egresso do CFO Strategic do ISAE e executivo da Aginvest Commodities.

## Preços e Juros

### Expectativas de inflação seguem em declínio e favorecem novas medidas de estímulo econômico.

\*Patrick Silva

O mercado financeiro, representado pela divulgação no relatório Focus do Banco Central do Brasil, segue mostrando a expectativa de inflação em declínio. Há um mês, era esperado IPCA de 3,84% para 2018 e hoje essa estimativa já está em 3,67%. Sendo um pouco mais conservadores, devido principalmente à variável do tempo para 2019, a expectativa de mercado também é declinante, apesar de mais amena, saindo de 4,25% há mês e chegando a 4,20% hoje.

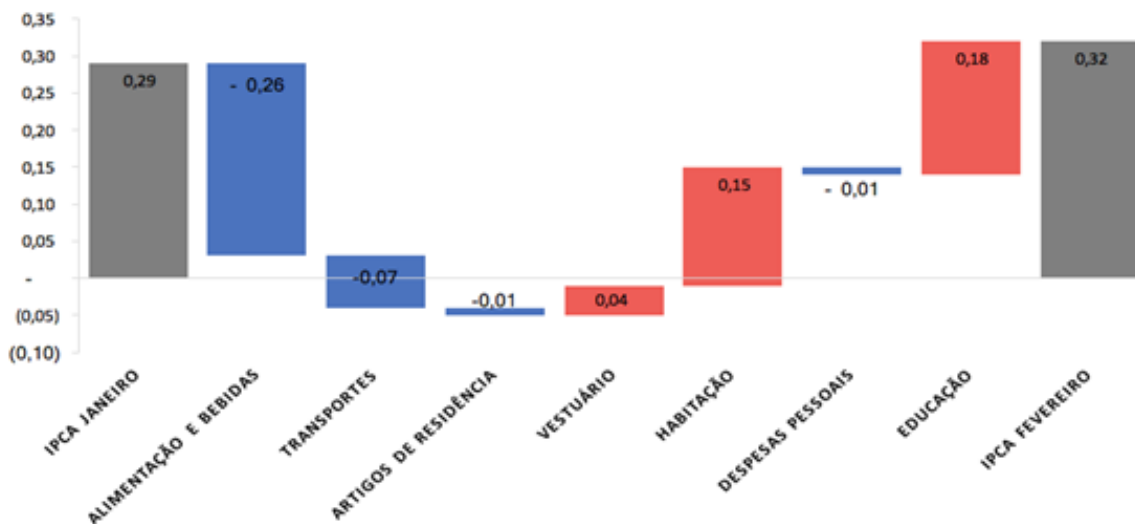
	2018				2019			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal
Mediana	3,84	3,70	3,67	▼ (6)	4,25	4,24	4,20	▼ (2)
Top 5	3,80	3,67	3,54	▼ (2)	4,25	4,25	4,25	● (13)

Fonte: Banco Central do Brasil

O mês de fevereiro trouxe IPCA de 0,32%, levemente acima de janeiro. O setor de alimentação demonstra desaceleração de 0,26 p.p para o mês e na ponta oposta gastos com educação aceleram 0,18%, devido à sazonalidade, e são o principal responsável pela variação de todo o IPCA do mês, com aumento de 3,89%. O segmento de transporte continua impactando o índice (0,74%) com os preços de combustível e ajuste de tarifas de táxi em algumas regiões do Brasil, mas apresentou desaceleração em fevereiro.



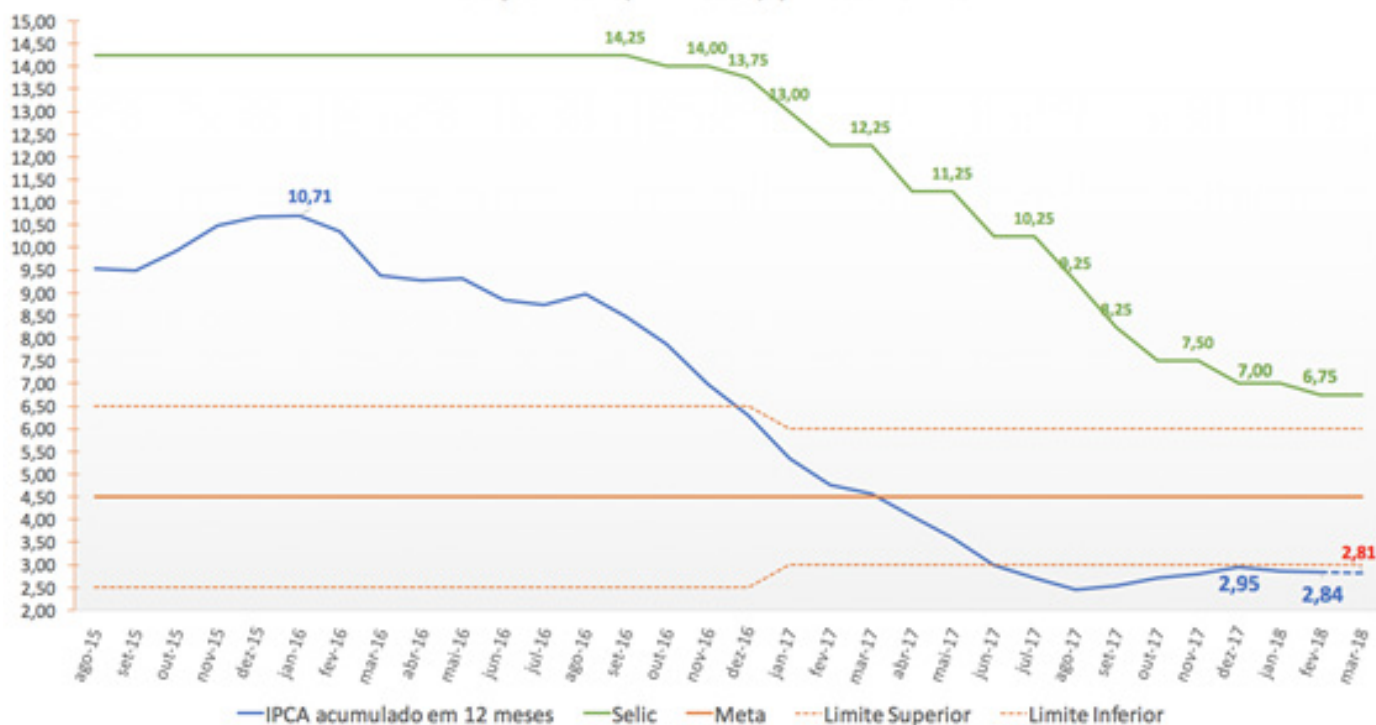
## IPCA FEVEREIRO



Fonte: IBGE; ilustração: ISAE.

O IPCA acumulado em 12 meses segue abaixo do piso da meta do Banco Central do Brasil, tendo fechado fevereiro em 2,84%, sem grandes surpresas. Esse nível de inflação pode favorecer o governo a tomar medidas adicionais de estímulo à economia. Além disso, o mercado tem cogitado que o Copom pode vir a realizar uma nova redução na taxa Selic na próxima reunião, podendo sair dos atuais 6,75% para 6,50%.

## Evolução IPCA (12 Meses) | Meta X SELIC



Fonte: Banco Central do Brasil; IBGE; ilustração: ISAE.

\*Patrick Silva é especialista em Controladoria e Finanças, graduado em Ciências Contábeis, com Especialização em Controladoria, com MBA Executivo em Finanças pela FGV/SP, e Aluni do Programa CFO Strategic ISAE.



# Balança Comercial Brasileira

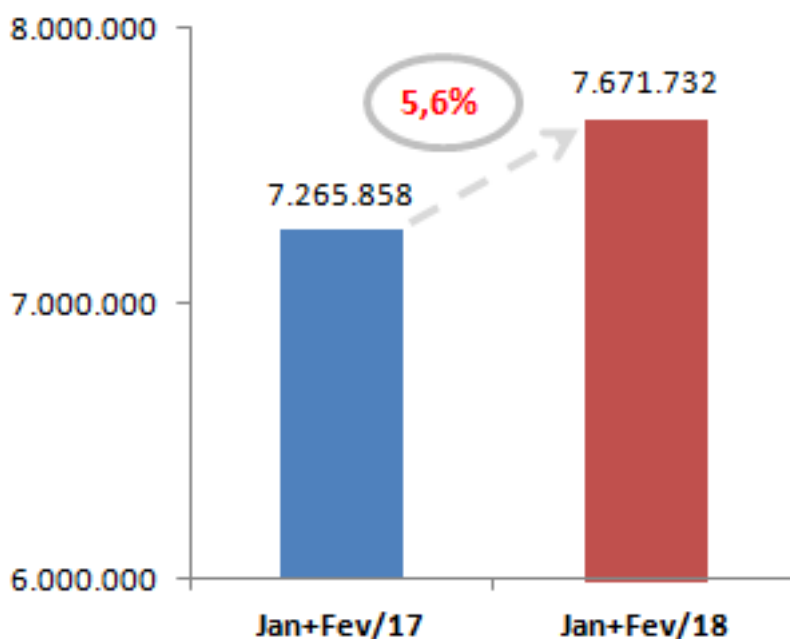
**Superávit acumulado US\$ 7,6 bilhões - 5,6% superior ao mesmo período em 2017.**

Jean Toniote\*

Seguindo a boa performance de 2017, quando o Brasil teve um superávit de US\$ 67 bilhões, a balança comercial do país segue demonstrando bons resultados. Segundo dados do MDIC (Ministério da Indústria Comércio e Serviços), o valor acumulado até 11/03/2018 na balança comercial de 2018 apresenta um superávit de US\$ 9,648 bilhões.

No acumulado de janeiro e fevereiro de 2018 o superávit é de US\$ 7,671 bilhões, com exportações no patamar de US\$ 34,280 bilhões e importações de US\$ 26,608 bilhões. Portanto, no acumulado de Jan + Fev de 2018 versus 2017 podemos ver que o saldo positivo persiste com um crescimento de 5,6% se comparados os períodos, conforme gráfico a seguir:

**Balança Comercial Brasileira acumulada até Fev-2018 (US\$).**



Fonte: Mdic / ilustração: ISAE.

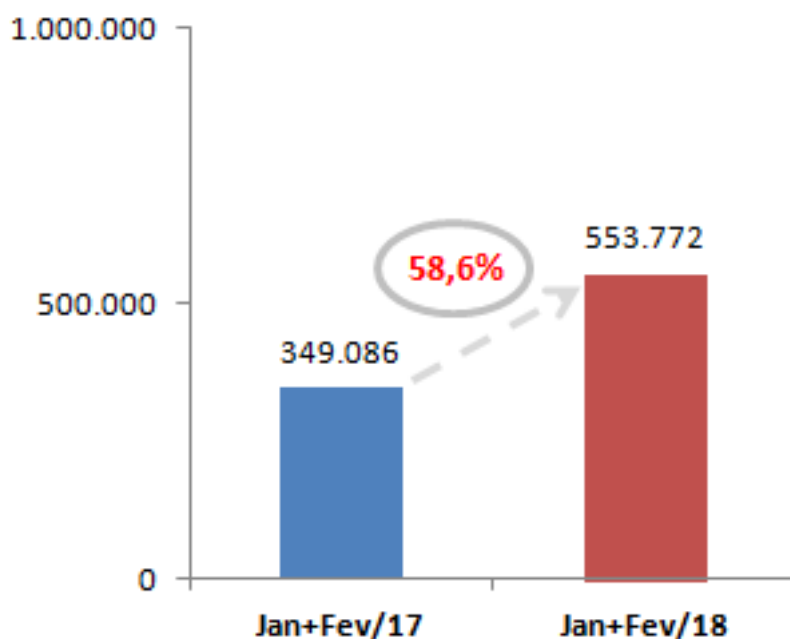
## Balança Comercial do Paraná

A balança comercial do Paraná, que terminou 2017 batendo recordes com um saldo positivo de US\$ 6,563 bilhões, vem demonstrando mais resultados significativos neste início de 2018, com exportações totalizando US\$ 2,265 bilhões e importações em um montante de US\$ 1,711 bilhões, o que gera superávit acumulado até fevereiro de 2018 de US\$ 553 milhões. Se compararmos Jan + Fev de 2018 com o mesmo período de 2017 já podemos ver um crescimento de 58,6%, conforme gráfico a seguir:





## Balança comercial paranaense acumulada até Fev-2018 (US\$).

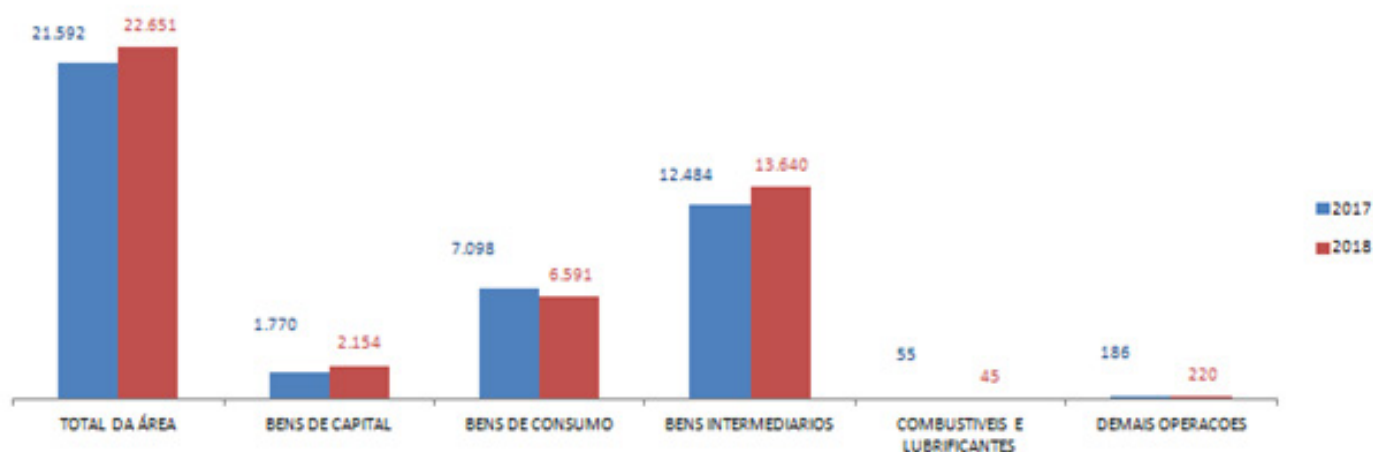


Fonte: Mdic / ilustração: ISAE.

### Bens intermediários garantem bom desempenho da balança comercial paranaense.

Podemos verificar que as exportações no estado do Paraná em 2018 tiveram crescimento nos principais bens analisados. Se comparado com o mesmo período de 2017, o aumento foi de 4,9%, com destaque para bens intermediários que cresceram 9,2%, seguidos de bens de capital que tiveram incremento de 21,6%, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

### Exportações acumuladas até Fev-18 (US\$)

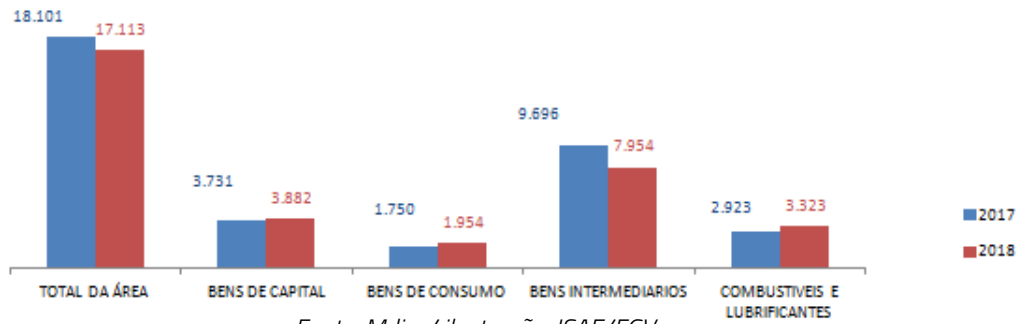


Fonte: Mdic / ilustração: ISAE.

No tocante às importações, verifica-se queda de 5,4% em relação ao mesmo período de 2017, tendo como principal contribuinte para esse resultado os bens intermediários, com uma taxa de decréscimo de 17,9%. Contrapondo este cenário, podemos ver o aumento das importações de combustíveis e lubrificantes num total de 13,6%, seguidos de bens de consumo e de bens de capital, que tiveram um crescimento de 11,6% e 4,0%, respectivamente.



## Importações acumuladas até Fev-18 (US\$)



Fonte: Mdic / ilustração: ISAE/FGV.

\* Jean Toniote é Especialista em Finanças e possui Especialização em Gestão no Mercado Financeiro e de Capitais, trabalha no Grupo Renault.

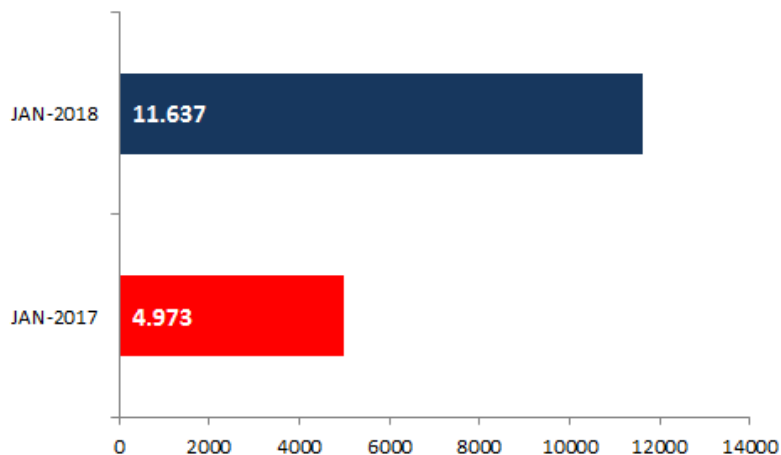
# Mercado de Trabalho

## Paraná terminou janeiro de 2018 com saldo positivo na geração de empregos formais.

Jefferson Marcondes Ferreira\*

No último dia 28 de fevereiro de 2018, foram divulgados pelo Ministério do Trabalho, através do CAGED, os números referentes à geração de empregos formais em janeiro de 2018. O estado do Paraná apresentou um saldo positivo de 11.637 vagas, colocando-se na 4ª posição no ranking nacional de geração de empregos formais, atrás apenas de São Paulo, com 20 mil, Rio Grande do Sul, com 18 mil, e Santa Catarina, com 17 mil. O fato do Paraná terminar o mês de janeiro-2018 com saldo positivo mostra sinais de recuperação econômica quando comparado ao mesmo período em 2017, conforme demonstrado no gráfico a seguir.

### Evolução do saldo de emprego no Paraná (Jan-2018 / Jan-2017).



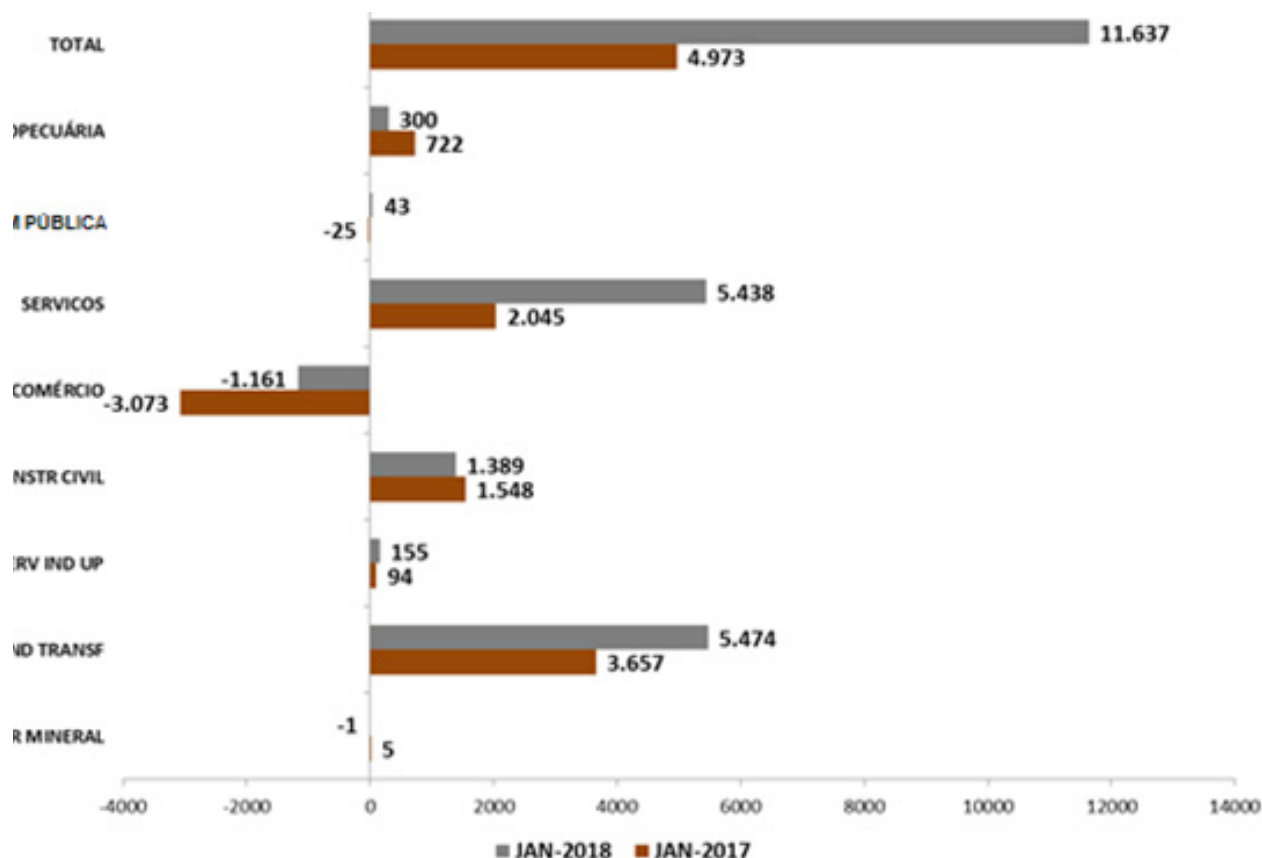
Fonte: Caged (Evolução do Saldo de Empregos Formais com ajustes).





Com relação aos setores de atividades econômicas, em comparação a Jan-2017 o saldo positivo se deve ao setor industrial, que terminou o mês com um saldo de 5.474 vagas contra 3.657 vagas no mesmo período em 2017, destacando-se neste setor os segmentos de indústria têxtil, mecânica, material de transporte e metalúrgica. Outro setor de atividade econômica que terminou com saldo positivo foi o de serviços, com saldo de 5.438 vagas, contra 2.045 vagas no ano anterior, com destaque para o setor de serviços de comércio e administração de imóveis, seguidos pelo setor de serviço de alojamento e alimentação e setor de ensino, conforme gráfico a seguir.

### Saldo Vagas Paraná por Setor de Atividade Econômica (Jan-2018/Jan-2017)



Fonte: Caged (Evolução do Saldo de Empregos Formais com ajustes)

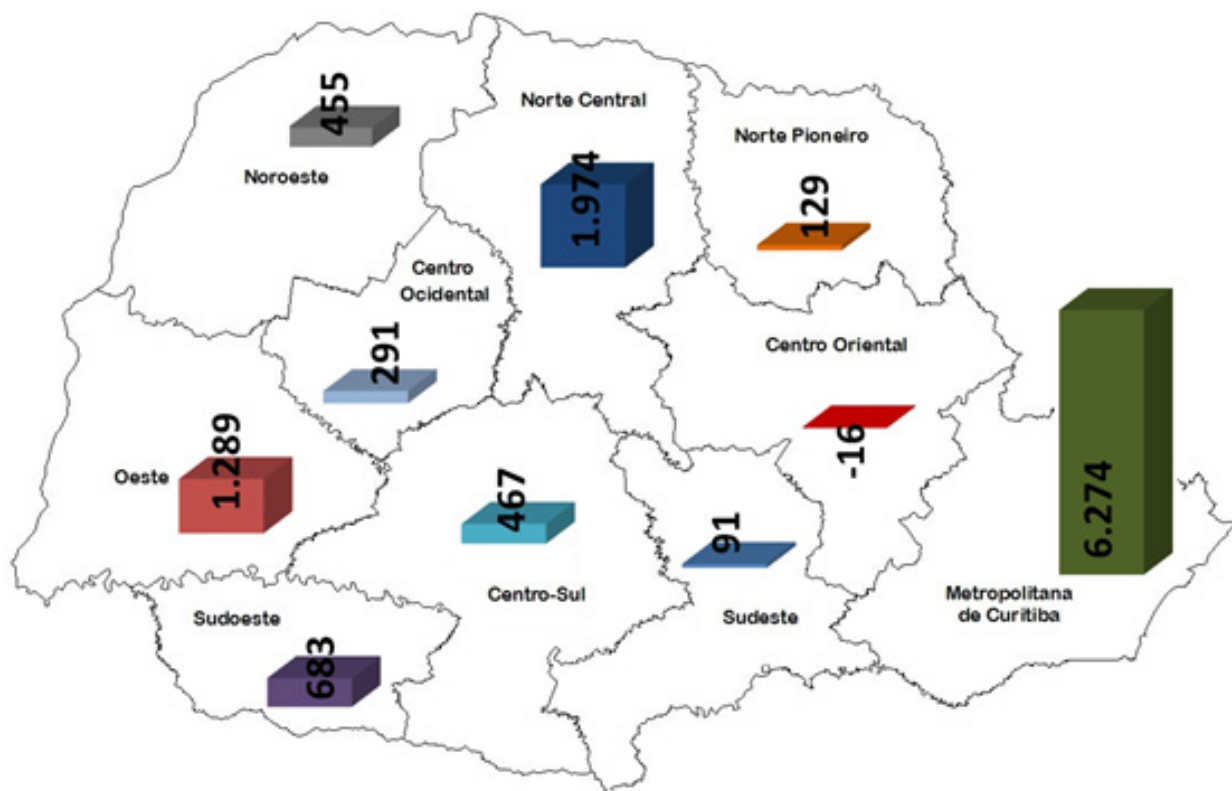
Também se destacou o setor de construção civil, que terminou com saldo de 1.389 vagas. Contrapondo os saldos positivos na geração de empregos formais, o setor de comércio terminou o mês com saldo negativo de (1.161) vagas, contudo melhor que o mesmo período em 2017.

### Geração de empregos formais no Estado do Paraná em Janeiro-2018.

O perfil do saldo da geração de vagas no estado em janeiro-2018 configurou-se da seguinte forma, das dez regiões do estado nove terminaram o mês com o saldo positivo, conforme apresentado no gráfico a seguir.



## Perfil da Geração de Vagas Formais de Emprego em Janeiro-2018



Fonte: Caged (saldo por município ajustado)

Há de se destacar que as regiões Metropolitana de Curitiba, Norte Central e Oeste correspondem ao saldo de 9.537 vagas, influenciadas pela indústria de transformação em expansão, que neste período teve um saldo de 4.064 vagas. Essa expansão se deve principalmente pelas indústrias têxtil e mecânica. O setor de serviços também se destaca com um saldo de 4.761 vagas geradas, com ênfase para os setores de serviços de administração e turismo. Há de se destacar a região metropolitana de Curitiba, que encerrou o período com saldo positivo de 6.274 vagas, com destaque para o setor de indústria, que apresentou um saldo de 2553 vagas, seguido pelos setores de serviço, com o saldo de 2.886 vagas. Contrapondo este cenário, o setor de comércio terminou este período com o saldo de (419) vagas.

\* **Jefferson Marcondes Ferreira** é economista, especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.

# Tecnologia

## Transformação Digital na Indústria Química

*Jefferson Marcondes Ferreira\**



**P**rodutos químicos e materiais avançados são os habilitadores da transformação digital de todos os demais segmentos industriais. Estão presentes em 90% dos produtos comuns em nosso dia a dia, desde automóveis, smartphones até a internet de alta velocidade. Sem clorossilanos as principais plataformas de streaming de vídeo, como Netflix e NET Now, estariam em maus lençóis.

Presentes na fibra óptica os clorossilanos são cruciais para que a transferência de dados em alta velocidade aconteça sem problemas. O setor Químico e Materiais Avançados contribui com quase 2% do PIB mundial e emprega aproximadamente 10 milhões de pessoas (1) com papel chave na economia circular, impactando diretamente na vida útil dos materiais e componentes bem como sua biodegradação e reutilização.

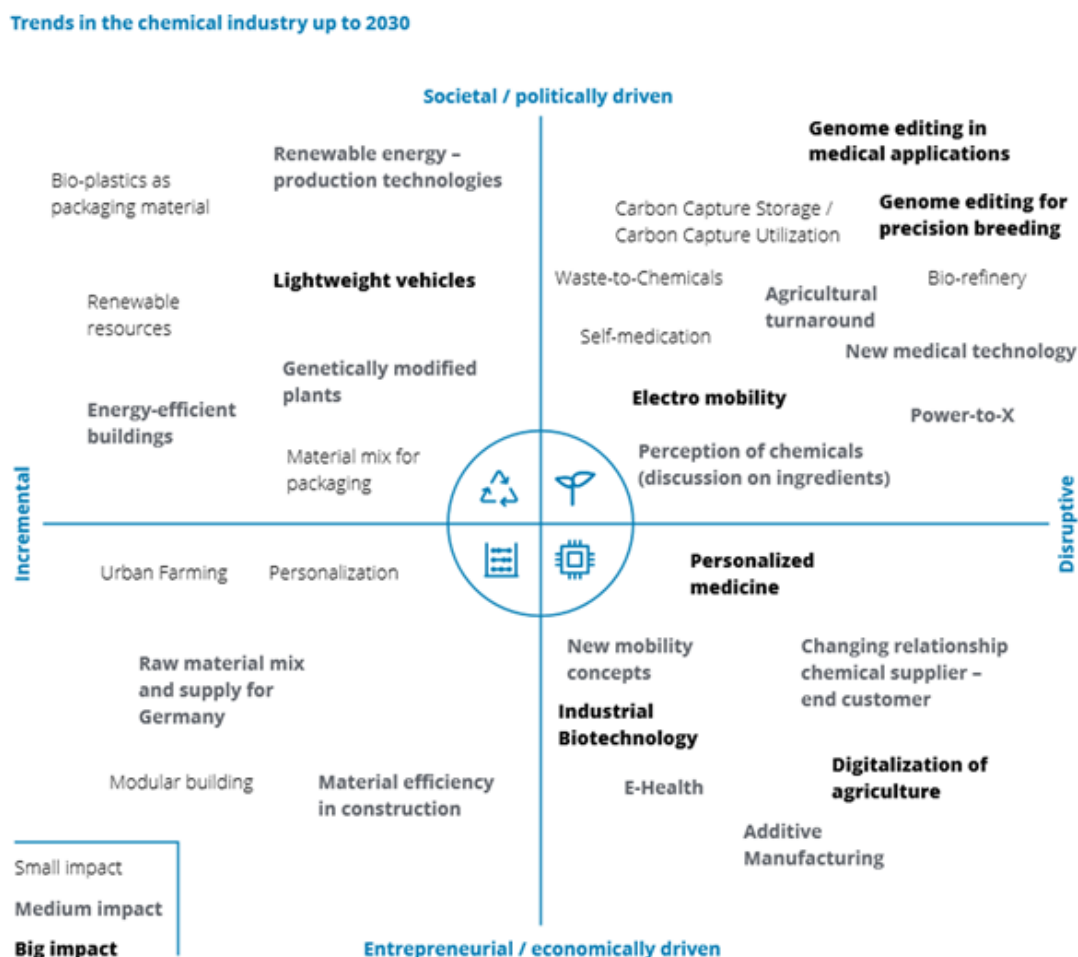
O termo Indústria 4.0 tem sido muito utilizado como sinônimo da Transformação Digital, mas a expressão é de autoria do governo da Alemanha, e nomeia a iniciativa estratégica do governo para se manter globalmente competitivo em um novo modelo econômico, em que a tecnologia é fator decisivo para assegurar a competitividade. Em 2011 a expressão tomou força, se tornando um dos principais guias para a digitalização industrial, com destaque especial para Sistemas Cyber Físicos (CPS), que combinam o mundo real com o mundo virtual.

Sistemas Cyber Físicos de Produção (CPPS) são compostos por máquinas inteligentes, sistemas logísticos e instalações produtivas que, através de sistemas de informação e comunicação, são totalmente



integrados sem a necessidade de papel. Informações como vibração, temperatura e dilatação, por exemplo, são monitoradas em tempo real e facilmente é possível simular cenários “E se?”. Neste modelo é possível obter análises do impacto na vida útil e nos ciclos de manutenção dos equipamentos fabris caso, por exemplo, a temperatura da instalação fabril aumente 5 graus, o que evita custos com paradas não planejadas por quebra.

A pesquisa “Química 4.0: Crescimento através da inovação em um mundo em transformação” (2), em tradução livre, produzida no ano de 2017 pela Deloitte apresenta 30 tendências que impactarão diretamente a indústria Química Alemã até o ano 2030 e conseqüentemente a indústria mundial (imagem abaixo).



Trends in the chemical industry up to 2030 - <http://bit.ly/2FzGmIY>

O resultado é apresentado em quatro quadrantes classificados como, (1) Social, onde a tendência de maior impacto são automóveis mais leves, o que reduzirá custos de frente em toda a cadeia de valor do setor. (2) Politicamente direcionados, em que os maiores impactos estão relacionados a questões mais disruptivas ligadas à edição de genoma para reprodução e aplicações médicas, e a menos disruptiva, como mobilidade elétrica, que fatalmente contribuirá para a mudança da matriz energética. (3) Empresarial, sem grandes expectativas pelos próximos 12 anos, mas com previsões de impacto considerado médio para a eficiência dos materiais na construção civil. E por fim as tendências (4) Economicamente Direcionadas, onde as tendências de grande impacto têm uma relação especial com o PIB brasileiro através da digitalização da agricultura.



## Referências:

- (1) Digital Transformation Initiative Chemistry and Advanced Materials Industry (Link: <http://bit.ly/2HsTegs>)
- (2) Chemistry 4.0 Growth through innovation in a transforming world (Link: <http://bit.ly/2FzGmIY> )
- (3) Industry 4.0 The Future of Indo-German Industrial Collaboration (Link: <http://bit.ly/2FwZaZ5>)
- (4) Industry 4.0 - Smart Manufacturing for the Future (Link: <http://bit.ly/2FyB1BF>)

*\* Consultor com mais de 10 anos de experiência, especializado na identificação e construção de valor em diversos segmentos empresariais. Atua como consultor especialista em negócios e inovação em uma das maiores empresas de tecnologia do mundo. (<http://bit.ly/LinkedIn-Christian>).*



Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

**EQUIPE TÉCNICA**

Carolina Leludak  
Christian Geronasso  
Christian Bundt  
Jefferson Marcondes  
Márcio Santos  
Patrick Silva  
René Berardi

**COORDENAÇÃO TÉCNICA**

Fábio Alves da Silva

**COORDENAÇÃO GERAL**

Rodrigo Casagrande

**ISAE***Escola de Negócios*